

O pensamento ecológico

Revista ECO-Pós v. 23, n. 2, 2020

Ecologia é uma expressão que possui vários significados. O termo deriva do grego *oikos* (casa) e *logos* (estudo), ou seja, é um campo de reflexão que propõe a relação entre os organismos humanos e não humanos com seu habitat. O uso moderno dessa expressão se desenvolveu em meados do século XIX, a partir da influência da teoria da evolução elaborada por Charles Darwin. À medida que o pensamento ecológico cresceu, também proliferaram novos desdobramentos da sua utilização, isto feito tanto pelas ciências naturais como pelas ciências humanas. Em comparação, ecologia é um ramo relativamente recente. Sua emergência está atrelada à crescente preocupação com o meio ambiente e a sociedade. Esse fato se refere a questões que tem pautado o debate geopolítico internacional de maneira incisiva, em especial após o término da segunda Guerra Mundial, conforme os sinais de crises se tornaram cada vez mais evidentes. Aquecimento global, colapso de reatores nucleares, incêndios urbanos e florestais, desertificação, derramamento de lama e petróleo, poluição desenfreada, inundações, desertificação etc., se tornaram assuntos corriqueiros desde então.

Nesse novo contexto, a natureza tem respondido de maneira direta às ações da humanidade, a ponto de cientistas buscarem um termo específico para descrever o período mais recente na história da Terra. Os biólogos Eugene F. Stoermer e Andrew C. Revkin, por exemplo, chamaram de “Antropoceno”, a era em que os seres humanos agem como uma força decisiva sobre a vida do planeta, tempo este que seria a sucessão do Holoceno, iniciado há 12 mil anos com o fim da última era glacial. Esse tipo de abordagem problematiza as separações que marcaram a constituição da epistemologia no início da modernidade e que vinham se solidificando gradativamente, como é o caso do binarismo Natureza e

Cultura. Contemporaneamente, o muro entre as histórias ambientais e humanas, a barreira entre esse tipo de dualismo bastante explorado pelas ciências, se tornou uma construção em ruína.

É importante ressaltar que o aquecimento global e as mudanças climáticas têm despertado diversas frentes de engajamento e produção intelectual. Houve uma expansão significativa do ativismo ecológico nos últimos anos, ao mesmo tempo em que o negacionismo climático também ganhou visibilidade. O pensamento ecológico, nesse sentido, é um tema de ação e de reflexão, que engloba o trabalho de cientistas, militantes políticos e de povos originários. Nas últimas décadas, por exemplo, tem emergido com veemência o debate em torno do campo do Ecocriticism, que poderia ser descrito de maneira sucinta como a abordagem ambiental para análise de elementos culturais; ou da Comunicação Ambiental, que busca a pesquisa em relação aos esforços dos estudos de mídia em prol de causas ecológicas. Os pesquisadores Anders Hansen (Universidade de Leicester, Reino Unido) e Robert Cox (Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos) organizaram *The Routledge Handbook of Environment and Communication* (2015). Na introdução, os autores listam sete questões que tem pautado as investigações da área da Comunicação com o Meio Ambiente. São elas¹:

- 1) *Como os agentes humanos representam a natureza/meio ambiente?*

- 2) *O que explica o desenvolvimento e a reprodução de sistemas dominantes de representação ou discursos de "meio ambiente", e quais práticas da Comunicação contribuem para a interrupção, diluição ou transformação de tais discursos?*

¹ HANSEN, Anders; COX, Robert (orgs.) *The Routledge Handbook of Environment and Communication*. Londres: Routledge, 2015.

- 3) *Que efeitos as diferentes causas ambientais, bem como as práticas comunicativas específicas têm sobre os públicos?*
- 4) *Quais são as relações entre a Comunicação, os valores e crenças dos indivíduos e seus comportamentos ambientais?*
- 5) *De que forma os diferentes modos de produção, disseminação e recepção de informação técnica ou científica contribuem para a compreensão ou constituem “conhecimento” da natureza ou dos fenômenos ambientais?*
- 6) *Como os humanos discursivamente ou simbolicamente constituem “espaço” ou lugares, e como um senso de “estar no lugar” influencia a compreensão e / ou comportamentos de alguém nas relações com o meio ambiente?*
- 7) *Como as culturas locais ou indígenas entendem “natureza” ou “meio ambiente” e como essas culturas formam ou transmitem esses entendimentos na vida cotidiana?*

Tanto a Comunicação Ambiental, como o Ecocriticismo, de modo geral, complexificam uma visão romantizada, levantando múltiplas abordagens nesta discussão, inclusive o próprio entendimento da ideia de “sujeito” e a questão ontológica do significado da palavra “natureza”. Essa é uma compreensão que busca ampliar a ideia de existência, em busca da formação de um mundo comum a tudo e a todos, e não mais o privilégio de uma espécie tida como “eleita”. Este, a propósito, é um problema que vem sendo colocado com ênfase: que tipo de “humanidade” é subentendida quando adotamos o termo “Antropoceno”? Em razão disso é importante o exame minucioso dos agentes como seres ambíguos e contraditórios. O filósofo da ciência Bruno Latour, a título de exemplo, distingue os termos Humanos de Terráqueos ou dos Terranos (*Earthbound*)².

² LATOUR, Bruno. *Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno*. São Paulo: Revista de Antropologia, 57(1), 11-31, 2014.

O Dossiê “O Pensamento Ecológico” foi gestado em um momento em que a crise socioambiental ganhou contornos ainda mais preocupantes. As mudanças climáticas antropogênicas se somaram a pandemia do coronavírus (COVID-19), uma doença infecciosa de proporções planetárias. O ano de 2020, nessa perspectiva, pode ser descrito como um dos períodos mais sensíveis da humanidade. Poucas vezes se discutiu tanto a compreensão da “sobrevivência da espécie”. Neste número, recebemos contribuições das mais variadas abordagens, que deixam claro a rentabilidade e pertinência do assunto no meio acadêmico brasileiro. Foram selecionados oito artigos que tratam da Ecologia, mais precisamente em relação a Comunicação e Cultura.

Dayana K. Melo da Silva e Carlos Eduardo Souza Aguiar assinam “Os paradoxos da Comunicação ante o Antropoceno”, investigação que busca problematizar o termo cunhado por Eugene F. Stoermer sob o prisma das tecnologias da comunicação. Os autores se valem de uma bibliografia heterogênea que coloca em diálogo trabalhos de Bruno Latour e do filósofo Peter Sloterdijk às questões da esfera da arqueologia das mídias propostas por Jussi Parikka e Siegfried Zielinski. O conceito de Geologia da Mídia é fundamental nesse debate. O segundo artigo, “O pensamento ecológico na cobertura jornalística brasileira: o caso da Baía de Guanabara”, de Michel Misse Filho e Eloisa Beling Loose, propõe um estudo aplicado aos diferentes modos como o jornal *O Globo* abordou a questão ecológica relacionada a poluição da Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. A análise explicita as transformações que perpassam o jornalismo ambiental e recorre tanto a dados históricos como contemporâneos, quantitativos e qualitativos. “Ambiguidades no discurso fotográfico: produção de sentido sobre a degradação do solo”, de Marcelo Pereira da Silva e Ana Maria Dantas de Maio, também é um estudo de caso do jornalismo brasileiro. Os dois autores se concentram em uma análise de fotografia publicada em 2019 pelo *Portal G1*, que trata dos efeitos da erosão do solo sobre a produção agrícola. O artigo propõe um exame detalhado do discurso textual e imagética sobre a ambiguidade presente na matéria.

Já “Agricultura, gênero e reprodução social: Modos de vida das mulheres rurais em contextos de expansão do agronegócio”, de Camila Calado e Valéria Silva, é uma investigação em torno dos impactos do agronegócio em relação a vida das mulheres de duas localidades rurais do Piauí. Aqui, a estratégia metodológica adotada pelas duas pesquisadoras utilizou procedimentos de trabalho de campo realizados ao longo de quatro anos para colher o conteúdo que fornece embasamento ao artigo, em particular a etnografia, a observação direta, além de entrevistas semiestruturadas com grupos de mulheres.

Um dos principais eixos do dossiê “O Pensamento Ecológico” está ligado a imagem de cunho artística. Em “Vídeo geomorfológico”, de Ursula Biemann, a artista e pesquisadora suíça “pergunta de que maneira as viradas bio e eco-artísticas das ontologias do sujeito/objeto moveram-se para a forma-paisagem”. Para tanto, recorre ao ambientalismo cinematográfico em duas de suas obras: *Deep Weather* (2013) e *Selva Jurídica* (2014), mostrando como a estética ecológica se faz contundente em locais distintos como Bangladesh e Equador. O artigo discorre a respeito do processo de realização de ambos os vídeos. Pedro Urano e André Reyes Novaes assinam “Imagem e desmatamento: paisagem, perspectiva e expansão colonial”, estudo que busca analisar uma constelação de imagens que figuram a prática do desmatamento de áreas florestadas. Os autores se concentram em um período específico da História da Arte, entre meados dos séculos XV e XVI, momento em que a noção de paisagem emerge no contexto europeu. “Por Um Cinema Geológico: visibilidades possíveis para os tempos da Terra”, de Lúcia Ramos Monteiro, apresenta a noção de “cinema geológico”, termo que reflete sobre “dinâmicas envolvendo a geosfera, a litosfera e a atmosfera, situadas no fundo da imagem, disputam, na duração dilatada de alguns planos e, em certos casos, dos próprios filmes, a atenção do espectador”. A obra do realizador chinês Jia Zhang-ke é destacada pela pesquisadora. O último artigo do dossiê, “Respira fundo e prende: um pequeno raio-X da ecodistopia no cinema brasileiro, do regime militar aos militares no regime”, de Alfredo Suppia, propõe uma investigação que discute alguns exemplos de como a ecodistopia se faz presente em alguns filmes brasileiros. O autor também trata dos modos como

a Ditadura Militar e a política contemporânea se relacionam com o meio ambiente.

O dossiê também conta com uma entrevista exclusiva feita por e-mail com o professor de História do IFCH-Unicamp Luiz Marques, autor do livro “Capitalismo e Colapso Ambiental” (Ed. Unicamp), um dos trabalhos mais premiados e comentados no Brasil em relação a questão ecológica. Marques foi um dos criadores do Portal Crisálida, dedicado a pesquisa e mobilização acadêmica em torno das crises socioambientais contemporâneas. Na entrevista para a *Eco-Pós*, foram tratados temas ligados ao seu livro, e outros tópicos que não foram contemplados diretamente pelo seu estudo, como a atual pandemia do coronavírus. Agradecemos a generosidade e contribuição do pesquisador para elucidar alguns pontos desse assunto. O atual número da Revista também conta com a tradução da entrevista “O quase-documentário”, feita entre o historiador da arte Jean-François Chevrier e o fotógrafo Jeff Wall. A conversa ocorreu originalmente em 2001 e foi transcrita e divulgada no periódico francês *Communications* em 2006. Esse é um encontro de dois pensadores-chaves para entendermos aspectos da teoria da fotografia. Para finalizar o dossiê “O Pensamento Ecológico”, contamos com o Projeto Imburana, de autoria do pesquisador e artista multimídia Edson Barrus. O documento mescla fotografias e informações da Imburana, árvore cada vez mais rara de se encontrar no semiárido pernambucano devido à derrubada descontrolada. Barrus coordena uma iniciativa de preservação desta árvore. A Seção Portfólio busca contar parte dessa história por meio de vários materiais – textuais e imagéticos.

A *Eco-Pós* conta ainda com a tradicional Seção Perspectiva, onde publicamos pesquisas autônomas referentes ao campo da Comunicação e Cultura. Neste segundo número de 2020, foram selecionados cinco artigos. “Entre as alucinações do dia a dia: o tempo e a latinidade em Belchior”, de Cláudio Rodrigues Coração e Denise Figueiredo Barros do Prado, coloca em destaque o álbum *Alucinação* (1976), do cantor e compositor Belchior. O intuito aqui é refletir sobre a incidência das canções na contracultura que marcaram fortemente os anos 1960 e 1970. Ainda no debate de elementos musicais,

Dossiê **O Pensamento Ecológico** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 23, n. 2, 2020

DOI: 10.29146/eco-pos.v23i2.27630

Vinicius Andrade Pereira assina “Sonlêncio: modulações da experiência de silêncio na cultura aural contemporânea”, texto que reflete conceitualmente sobre a problemática contemporânea *silêncio X ruídos*. O autor questiona: “como compreender os significados e valores do silêncio na contemporaneidade? Seria o silêncio um objeto legítimo para o campo de Estudos do Som e da Comunicação? Pode a escuta do silêncio ser um aprendizado tal com é a escuta de outros sons?”.

A Seção Perspectiva traz também dois textos ligados aos Estudos de Cinema. Pedro Guimarães e Pedro Tinen são os autores de “As dimensões políticas da reflexividade épica em O Enforcamento”, estudo que parte de um filme de Nagisa Oshima de 1968 para aprofundar os modos como o cineasta emprega a reflexividade crítica e técnicas de anti-ilusionismo. O artigo faz uma diferenciação importante entre os regimes “representacionais” e “apresentacionais” inerentes ao cinema japonês, característica que definem como singular em relação a outras cinematografias nacionais. “O estilo barroco na direção de arte do cinema: análise de um plano sequência de Soberba de Orson Welles”, de Marcia Regina Carvalho da Silva, por sua vez, é uma análise sobre o estilo do filme *Soberba* (1942), de Orson Welles, em que a pesquisadora ressalta a importância da direção de arte e da cenografia a partir da conexão com o estilo barroco e com técnicas da direção de fotografia.

O último artigo da seção tem como nome “Representações sociais sobre as mulheres rurais nas fotografias da revista Globo Rural (1985-2015)”, de Isadora Moreira Ribeiro e Sheila Maria Doula, que investiga o discurso imagético das representações sociais sobre as mulheres rurais veiculadas pela Revista Globo Rural, isto feito por meio de 30 edições que cobrem o período entre 1985 e 2015.

Para finalizar, publicamos duas resenhas de livros recém publicados. “Contra a estupidez calculista da tecnocultura ocidental”, de Guilherme Kujawski, sobre *Recursivity and Contingency* (2019), do filósofo Yuk Hui. O livro aborda o papel da tecnologia na sociedade contemporânea. Segundo Kujawski, “Hui propõe a unificação da ordem cósmica e a diversidade técnica, reorganizando elementos extraídos tanto da cibernética como da ecologia”. E

“Contemos melhores histórias no caos: Grossberg e a análise conjuntural da vitória de Trump”, de Thiago Ferreira, é um exame do livro *Under the cover of the Chaos: Trump and the Battle for the American Right* (2018), escrito por Lawrence Grossberg, professor do departamento de Comunicação da Universidade da Carolina do Norte a respeito da vitória de Donald Trump na eleição de 2016.

Agradecemos a todos que contribuíram com o segundo número da *Eco-Pós* em 2020. Desejamos uma boa leitura!

Lucas Murari (UFRJ)

Com a colaboração da Equipe Editorial da *Revista ECO-Pós*.

EXPEDIENTE

EDITORES ADJUNTOS

Beatriz Jaguaribe, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Liv Sovik, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

Alexandre Kenichi Gouin, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luíza Alvim, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Bogado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Nicholas de Andueza Sineiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Phillippe Sendas de Paula Fernandes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

COORDENADOR DE REVISÃO

Pedro Neves, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO

Augusto Flamaryon Cecchin Bozz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Pedro Neves, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

DIAGRAMAÇÃO

Ligia Barreto, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos

Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos

Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Rüdiger, PUC-RS, Brasil

Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca

Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos

Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha

Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil

Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos

Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil

Mateus Araújo, Universidade de São Paulo, Brasil

Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos

Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Othon Jambeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos

Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

Adriana Pinto Fernandes de Azevedo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

Adriano Florencio, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Brasil.

Afonso Albuquerque, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Aline Corso, Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Alyne Costa, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

Ana Maria de Souza Melech, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil.

André Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

André Keiji Kunigami, University of California, Estados Unidos da América.

André Lemos, Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Angela Prysthon, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
Carlos Eduardo Souza Aguiar, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, Brasil.
Carolina Dantas de Figueiredo, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
Caroline Maldaner Jacobi, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
César Guimarães, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
Christine Greiner, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.
Cristina Pontes Bonfiglioli, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.
Cristina Teixeira Vieira de Melo, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
Daniel Hora, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.
Ednei de Genaro, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Ednei Genaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil.
Edson Costa Júnior, Universidade de São Paulo, Brasil.
Felipe André Padilha, Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
Fernanda Elouise Budag, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação /Universidade São Judas Tadeu, Brasil.
Fernanda Maria Abreu Coutinho, Universidade Federal do Ceará, Brasil.
Flavia Pinheiro Meireles, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
Gabriela da Silva Zago, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
Iara Aparecida Beleli, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
India Mara Martins, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Isaac Pipano, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Janayna Ávila, Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
Janete Oliveira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil.
Jordana Fonseca Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil.
Jose Eugenio de Oliveira Menezes, Faculdade Cásper Líbero, Brasil.
Kywza Joanna Fideles Pereira dos Santos, Centro Universitário do Vale do Ipojuca, Brasil.
Larissa Grandi, Universidade de Brasília, Brasil.
Leandro Rodrigues Lage, Universidade Universidade da Amazônia, Brasil.
Lidia Trentin, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil.
Liliane Dutra Brignol, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
Luciana de Oliveira, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
Luis Fernando Moura, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
Luíza Flores, Universidade Federal do Amazonas, Brasil.
Marcelo Ribeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Maria Cristina Giorgi, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/RJ, Brasil.
Maria Nazareth Bis Pirola, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.
Melina Pereira Savi, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Michele Goulart, Universidade Federal do Paraná, Brasil.
Mirna Tonus, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.
Muriel Emídio Pessoa do Amaral, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Bauru, São Paulo, Brasil.
Nélio Ribeiro Moreira, Universidade Federal do Pará, Brasil.

Pablo Moreno Fernandes Viana, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
Patricia Rebello, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil.
Paulo Celso Silva, Universidade de Sorocaba, Brasil.
Pedro Maciel Guimarães, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
Rafael Castanheira, Universidade Católica de Brasília, Brasil.
Renata de Rezende Ribeiro, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Roberta Veiga, Universidade Federal Minas Gerais, Brasil.
Rodrigo Cunha, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
Simão Farias Almeida, Universidade Federal de Roraima, Brasil.
Simone Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
Tarcisio Torres Silva, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil.
Telma Sueli Pinto Johnson, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.
Tiago Mainieri, Universidade Federal de Goiás, Brasil.
Tiago Quiroga Fausto Neto, Universidade de Brasília, Brasil.
Thiago Meneses Alves, Universidade Federal do Piauí, Brasil.
Tiago Alves de Moraes Sarmiento, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora, Brasil.
Vanessa Amália Dalpizol Valiati, Universidade Feevale, Brasil.
Wladimir Machado, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Brasil.